

Homenagem a José Espínola Veiga
por João Delduck Pinto Filho

Em virtude do falecimento de um dos maiores valores revelados pelo Instituto Benjamin Constant, a direção-geral do IBC sente-se no dever de antecipar estes dados relacionados com o destacado professor José Espínola Veiga.

Veiga ingressou no IBC em 1914 e exerceu o magistério até 1959. Destacou-se como aluno e, muito cedo, confirmou a perspectiva que dele se tinha como real promessa, tornando-se professor estudioso e positivo divulgador das emergentes normas que a Casa experimentava. Sentindo a quase indigência social do cego à época, engajou-se na luta de conquistas por melhor posicionamento sócio-econômico, junto com outros denodados companheiros, e o resultado foi altamente positivo: o cego pôde ser contribuinte da Previdência, pôde ser funcionário público, ingressou no processo eleitoral da Pátria – votando e sendo votado.

Colaborou desde a arquitetura do IBC (concepção leiga mas racional), e assim foram construídos refeitórios condignos, amplo auditório, pavilhões para o Jardim de infância e a Imprensa. No campo didático, Veiga foi um inovador: implantou o linguafone, inaugurou a prática do livro falado em primitivas fitas magnéticas, experimentou o desempenho do cego em classes públicas primárias com resultado apenas relativo, incentivou o treinamento de professores e inspetores para estabelecimentos especializados para cegos.

Capítulo especial é a luta que Veiga e seus companheiros empreenderam a fim de que o cego pudesse freqüentar os estabelecimentos de ensino, prosseguindo nos estudos e em cursos que se adaptassem a sua deficiência. Tudo com o emprego da datilografia comum, tendo em vista a igualdade aproximada com os demais companheiros videntes. Veiga sabia que desde há muito o IBC gozava, por lei, de uma equiparação com o Colégio Pedro II, mas a teimosa interpretação da Lei insistia em discriminar o estudante cego.

Enfim, o Instituto Benjamin Constant anterior à geração de Veiga, vivia uma progressão diferenciada daquela que Veiga e seus companheiros alicerçaram para as recentes conquistas. Ao Veiga e aos demais Dom Quixotes do século XX os cegos brasileiros devem uma realidade menos amarga.

O IBC vira uma página de sua história

José Espínola Veiga: 21-12-1906/5-02-1998 – O IBC assinala em sua história, já neste século e a partir dos anos quarenta, uma distinta fase que chamaríamos de contemporânea. Nela avulta um nome que se destaca por suas idéias e manifestações laborais, por seu valor enfim, diz-se de José Espínola Veiga, professor de inglês de nosso educandário e que há pouco partiu para a eternidade.

Conheci-o, feliz coincidência, no mesmo dia em que vi pela única vez Helen Adams Keller. Veiga servia de intérprete ouvindo a preceptora Mrs. Thompson que, por sua vez, interpretava a difícil linguagem de Helen. Veiga acompanhou as visitantes pelo Brasil e países da América do Sul, pois falava espanhol. Meus colegas informaram-me acerca do mestre e se mais soube é porque sondei detalhes de sua vida, origem e progressão social, principalmente em seu primeiro livro “A vida de quem não vê”, lançado pela Editora José Olímpio.

Sei hoje que o nosso biografado é carioca, descendente de portugueses açorianos, sei das causas de sua cegueira aos três anos de idade, da sua infância no subúrbio de Engenho de Dentro e que se motivou para os estudos em razão de um professor cego, Mamede Freire, ter instalado próximo de sua casa uma escola para alunos não deficientes. Na progressão social de Veiga destaca-se seu instinto aventureiro: foi um dos primeiros a montar um estúdio de propaganda de bairro em alto-falante; montou um curso de preparação para técnicos na Escola Silva Freire; possuiu rede de açougues; credenciou-se como despachante nacional junto às repartições federais; foi pioneiro em introduzir carros frigoríficos nas feiras; agenciou comercialmente produtos estrangeiros; inaugurou as primeiras grandes lojas de importados

eletrônicos no Rio e em São Paulo; destacou-se como grande produtor de ovos e frangos, entre outras arrojadas e transitórias iniciativas.

Jamais pretendeu firmar-se como chefe de setores do IBC, porém suas luminosas idéias sempre encontraram guarida entre os diretores, resultando na concretização de obras de imenso significado. É o caso da construção e aparelhamento mecânico de nossa Imprensa Braille, responsável pelo fornecimento de livros e revistas no Sistema Braille para todo o Brasil e, ainda, para países de língua portuguesa. Finalmente, a fundação da Revista Brasileira para Cegos, a RBC, em 1942, produzida pelo Instituto Benjamin Constant e, hoje de alcance mundial, possuindo mais de três mil assinantes, obra em que seu idealizador soube explorar a sede de propaganda da ditadura Vargas, que prontamente acolheu a benfazeja idéia que vingou.

Franco mas realista, corajoso mas sentimental, é de se frisar um detalhe na vida do saudoso mestre: as tragédias domésticas que sempre o abateram. Seu filho mais velho, Gilberto, foi vítima de pertinaz moléstia que o levou com pouco mais de quarenta e dois anos de idade; seu jovem dileto amigo e guarda-livros, Giovani Allevato, suicidara-se em seu próprio escritório, envergonhado após um assalto de que fora vítima, perdendo vultosa quantia da firma; já sexagenário, fora Veiga vítima de terrível desastre, perdendo muito de sua audição; finalmente, a inesperada morte de uma filha minou, ainda mais, a sua quase octogenária existência.

A vida de Veiga findou, mas ficará para sempre o espírito de luta, principalmente aquele que norteou este verdadeiro paladino nas afirmações sociais do cego como a oficialização do ensino em todos os níveis.

Dorme em paz, Veiga, porque a gratidão do cego brasileiro velará por ti, e o Instituto Benjamin Constant prosseguirá na sua missão, escudado em teu exemplo.

João Delduck Pinto Filho é chefe de Gabinete do IBC.